

Porto de Ponta Delgada - Novo remendo



Carlos Rezendes Cabral

Já perdi a conta das vezes que tenho abordado este tema nesta minha coluna semanal.

Para o leitor fazer uma ideia de há quanto tempo foi, devo dizer que a primeira vez que escrevi sobre este tema, foi na altura em que foram publicamente anunciadas as obras no fundo do saco da doca, para ali se construir aquele mini porto de pesca, que hoje lá existe “encaixado” no Forte de S. Braz.

Desde então que venho defendendo que, a ampliação do porto de Ponta Delgada deveria fazer-se a poente do actual, com a construção de um cais para granéis sólidos e líquidos ali para os lados de Santa Clara.

Os sucessivos governos regionais nunca quiseram aceitar esta possibilidade, porque nunca lhes interessou fazer do porto de Ponta Delgada, não só o maior porto dos Açores - o que sempre foi - como também um porto apto a receber mais e maiores navios que constantemente cruzam o Atlântico e que porventura tenham necessidade de arribar.

Seria, por assim dizer, “uma estação de serviço” no meio deste mar imenso que nos rodeia.

Com a construção do cais em Santa Clara faria nascer uma ampla baía entre os dois molhes, que até poderia ser aproveitada para vários fins ligados à actividade marítima; desde parque para contentores a instalações para transitários, passando pelas pescas com rampas de varadoiro para reparações da frota pesqueira.

Soube um dia destes que, há quem defenda a construção de um quebramar com a mesma orientação do actual porto de modo a que, o cais existente, pudesse passar a ser utilizado pelos dois lados do molhe. É, quanto a mim, uma ideia válida. Todavia, haveria que se considerar os custos desta opção, bem como, se haveria mais áreas de terraplenos para instalação de parques para contentores junto ao cais.

Bom, deixemo-nos de hipóteses e abordemos o que está planeado fazer com o “remendo” à actual doca.

Não vou discorrer no que considero obras de manutenção tais como o sistema eléctrico, a repavimentação do piso, que já deviam ter acontecido há largos anos, nem vou abordar a substituição de cabeços de amarração porque, desde que foi proibido entrar na doca, há muitos anos que

não ponho lá os pés; por isso mesmo, não sei em que estado os ditos se encontram. Só faço votos que, na substituição daqueles cabeços, seja considerado o poder de sustentação dos mesmos, para não se repetir o que aconteceu no Cais do Pico.

Na década de sessenta do século passado, quando fornecia navios pela J.H.Ormelas, ao abastecer um cargueiro de minério atracado ao chamado cais Nato, e porque o tempo estava péssimo com vagas enormes, só por milagre escapei à verdascada de um cabo de aço que rebentou do cabeço e foi de encontro à ponte do navio. O cabeço continuou lá, só o cabo de aço é que rebentou. Daí eu falar em segurança dos cabeços.

No “remendo”, que nos vai custar 32 milhões de euros, vai ser ampliado - 25 metros para dentro da baía e 15 metros para a frente do actual “dente” - naquele bocado de cais que vai desde da zona de atracação dos navios da marinha de guerra, até um pouco mais adiante do dente que lá está. No meu tempo, eu diria que as obras irão decorrer entre os cais 4, 6 e 8. Ou seja, e ainda referenciado ao antigamente, desde os Pareces até aos antigos depósitos de água potável. Com estas obras a baía ficará mais pequena em área líquida, todavia ganhará uma miséria de terrapleno que só dará para aumentar em 40% a capacidade de parqueamento. Dizem-me que o parque passará a comportar cerca de 750 contentores. Resta saber se são contentores de 20 ou de 40 pés. Como todos sabemos não é a mesma coisa.

Para que o leitor fique com melhor ideia do “fantástico aumento” devo dizer que tanto o N/M Corvo da Mutualista Açoreana, como o Monte Brasil e penso que o Monte da Guia da Transinsular, qualquer destes tem (salvo erro) capacidade para 600 contentores de 20 pés, os chamados TEU'S.

Não fora as modernas possibilidades de muitos dos navios em atracar e largar, nomeadamente com o recurso a hélices laterais (bombordo e estibordo) e, algum até de proa para além das normais de popa (ré), eu não sei se o porto de Ponta Delgada ficaria operacional após estas obras.

Dizem-me que estas obras aumentarão o calado. Pergunto, com ou sem dragagem?

Pelo que atrás disse, não posso deixar de considerar que as obras previstas para o porto de Ponta Delgada são um remendo.

E no futuro? Continuaremos a ver os navios passar!

É a nossa sina!

P.S. - Texto escrito pela antiga grafia.

2 de Dezembro de 2018

A Editora Papel D'Arroz atribui prémio a escritor açoriano

“Não te quero” é o título do texto de autoria de Pedro Paulo Câmara, escritor açoriano, que acaba de ser designado vencedor do XII Concurso Literário Papel D'Arroz Editora - ATÉ QUE A VIDA NOS SEPARE.

A inspiradora deste concurso, Teresa Maria Queirós, iniciou uma viagem sem destino, mas o seu sonho de divulgar e promover autores e palavras continuam a galardoar autores de várias obras, sendo o primeiro prémio para o vencedor, a edição de um livro de autor com a chancela da Editora Papel D'Arroz.

O júri composto por Rosalina Maria e Maria Helena Guedes apreciaram as obras a concurso e acabam de designar vencedor do XII Concurso Literário Papel D'Arroz Editora - ATÉ QUE A VIDA NOS SEPARE, o escritor Pedro Paulo Câmara, natural dos Ginetes, Concelho de Ponta Delgada.

Licenciado em Português-Inglês, pela Universidade dos Açores, com Curso de Especialização em Estudos Interculturais - Dinâmicas Insulares, também pela Universidade dos Açores, Pedro Paulo Câmara é professor desde 2003, sendo, na actualidade, coordenador do Centro de Ocupação-Circum Escolar “Farol dos Sonhos” e formador, em diversas escolas privadas, das disciplinas de Português; Linguagem e Comunicação; Fundamentos de Cultura, Língua e Comunicação; Portefólio Reflexivo de Aprendizagem; Cultura, Comunicação e Media; Culturas de Urbanismo e Mobilidade; Língua Estrangeira-Inglês (Iniciação e Continuação) e Aprender com Autonomia. Neste momento, é, também, mestrando do Curso de Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares.

É autor das obras Perfumes (Poesia, 2011); de Saliências (Poesia, 2013), do romance histórico Cinzas de Sabrina (2014), Na Casa do Homem Sem Voz (Poesia, 2016), sendo a sua mais recente colaboração em coletâneas O Lado de Dentro do Lado de Dentro, projecto que visa a promoção da leitura em



ambiente prisional. Participou, anteriormente, na colectânea Entre o Sono e o Sonho, da Chiado Editora, em 2013.

Em 2011, foi galardoado com a menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criadores, na área de Literatura, com o conto “Madrugadas”, pela Câmara Municipal de Aveiro, e, em 2013, foi o vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela Miratecart, com o conto (Re)Descobrir Açores, sendo que, desde então, colaborou na organização de várias iniciativas no Azores Fringe Festival e tem participado em diversos eventos do mesmo.

Desde 21 de Julho de 2017, é Académico Correspondente, na categoria de Letras, da Academia de Artes e Letras de Portugal e desde janeiro de 2018 é Académico Correspondente da Academia Brasileira de Poeta Aldravianistas.

António Pedro Costa

Natal da Casa da Madeira nos Açores com várias iniciativas



A Casa da Madeira nos Açores - CMA realizou, no passado dia 1 de Dezembro, o seu habitual jantar de natal, reunindo cerca de uma centena de associados, família e amigos, em redor da gastronomia do arquipélago. Paralelamente ao jantar foi inaugurado o presépio lapinha, com figuras e aspectos típicos madeirenses, tendo como base a ilha da Madeira e do Porto Santo, construídas especificamente para o efeito. Durante este mês de Dezembro algumas dezenas de alunos do ensino básico, do concelho de Ponta Delgada, terão oportunidade de visitar a CMA para ver o presépio lapinha e conhecer um pouco das tradições madeirenses.

Dando continuidade às comemorações nata-

licas, no próximo dia 15 será celebrada uma missa do parto, pelas 6h00, no Centro Missionário do Coração de Jesus, por párcos madeirenses, residentes nos Açores.

Ainda numa vertente solidária, à semelhança do ano passado, os associados da CMA irão entregar cabazes de natal a uma dezena de famílias desfavorecidas no concelho de Ponta Delgada. Para a CMA este tipo de iniciativas são importantes para preservar e difundir a memória identitária madeirense, também para uma maior aproximação entre regiões irmãs, numa Região onde estima-se estarem radicados algumas centenas de madeirenses, de primeira geração.